

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) EM ARAGUAÍNA/TO: das narrativas de ensino e de aprendizagem produzidas pelos alunos

João Victor Ferreira dos Santos Silva¹

João de Deus Leite²

Hérica Marquiane Morais Berlanda³

Resumo: Neste artigo, abordamos as narrativas de quatro alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), de uma escola pública estadual de Araguaína/Tocantins. Eles foram levados a enunciar sobre as suas histórias de vida e sobre as condições como alunos da EJA. Estamos partindo da perspectiva de que há circunstâncias sócio-histórica e ideológicas comuns e particulares, produzindo-os na condição de sujeito. Para usarmos os termos teóricos da Análise de Discurso francesa, de orientação pecheutiana, quadro conceitual a que nos filiamos, trata-se de pensar que as narrativas deixam flagrar “processo de individuação do sujeito”. Traçamos o seguinte objetivo: analisar e problematizar o modo como os alunos da EJA entrevistados por nós discursivizam a sua condição nesse segmento de ensino, de maneira a pensar na correlação entre “vulnerabilidade social” e “vulnerabilidade de escolar”. Para dimensionarmos as narrativas dos alunos entrevistados, foi elaborado um roteiro com perguntas discursivas. Por meio de transcrição, tendo por base a notação emprestada ao Projeto da Norma Urbana Oral Culta (NURC), foram transcritos os áudios. A partir de recortes discursivos (RD), retirados das transcrições, compusemos a nossa seção de análise. As análises mostram que é comum, dadas as narrativas dos alunos, processos de individuação de sujeito que deixam flagrar uma correlação entre vulnerabilidade social e vulnerabilidade escolar. A relação dos alunos entrevistados com a escola é marcada por uma rarefação no laço, já que eles, embora acessem à escola, acabam não permanecendo nela.

Palavras-Chaves: Educação de Jovens e Adultos; narrativas; vulnerabilidade social; vulnerabilidade de escolar.

Abstract: In this work, we approach the narratives of eight students of Youth and Adult Education (EJA), from one state public schools of Araguaína/Tocantins. They were led to state their life stories and conditions as students of EJA. We are starting from the perspective that there are common and particular socio-historical and ideological circumstances, producing them as subject. In order to use the theoretical terms of the French Discourse Analysis, with a pecheutian orientation, a conceptual framework to which we subscribe, it is a matter of thinking that the narratives allow the “individuation process of the subject” to be caught. We set the following general objective: to analyze and problematize the way that the students of EJA interviewed by us discursivate their condition in this segment of education, in order to think about the correlation between “social vulnerability” and “school vulnerability”. To scale the narratives of the interviewed students, a script with discursive questions was elaborated. Through transcription, based on the notation loaned to the Urban Cultured Oral Standard Project (NURC), the audios were transcribed. From discursive clippings (RD), taken from the transcriptions, we composed our chapter of analysis. The analyzes show that, given the students' narratives, subject individuation processes that allow a correlation between social vulnerability and school vulnerability are found. The relationship of the students interviewed with the school is marked by a weakening of the bond, since they, although accessing the school, end up not staying in it.

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura, da Universidade Federal do Tocantins (PPGL/UFT). E-mail: joaovictorfdss@mail.uft.edu.br

² Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: joadedeusleite@hotmail.com

³ Graduada em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), com ênfase em Língua Portuguesa e suas Literaturas. E-mail: hericaletras@mail.uft.edu.br

Keywords: Youth and Adult Education; narratives; social vulnerability; school vulnerability.

INTRODUÇÃO

Este artigo se volta para as narrativas de alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), de uma escola pública de Araguaína/Tocantins. Desde o momento em que cursamos a disciplina *História da Educação de Jovens e Adultos*, ofertada no Curso de Graduação em Letras/Português, da Universidade Federal do Tocantins (UFT)/Câmpus Araguaína, essa modalidade de ensino nos interessou. Somado a essa oferta, a nossa relação com a EJA advém, também, da esfera familiar. Tivemos parentes próximos que retornaram à educação básica como forma de reparar o tempo em que estiveram fora da escola, tendo em vista alguns motivos, como a necessidade de trabalhar. E eles encontraram, na EJA, essa possibilidade de reinserção escolar.

No cenário educacional brasileiro, a EJA se configura como uma modalidade de ensino que recebe um público específico, em termos de “idade esperada” para se concluir o tempo de permanência na educação básica. Essa realidade se aplica àquele que abandonou a escola por algum motivo. Outra realidade refere-se àqueles que, por uma questão de acesso, nunca puderam frequentar e permanecer na escola. É que, nesse cenário educacional, há muitos brasileiros analfabetos que passaram a se interessar pela educação. Esses brasileiros tendem a ingressar na EJA, se forem a eles dadas as oportunidades sociais e escolares. De acordo com Rummert (2007),

[a] Educação de Jovens e Adultos (EJA), regulamentada como modalidade de ensino, é, sem dúvida, **uma educação de classe**. Assim, se configura, no Brasil, como oferta de possibilidades de elevação da escolaridade **para aqueles aos quais foi negado o direito à educação** na fase da vida historicamente considerada adequada. (RUMMERT, 2007, p.38; grifos do nosso)

Como abordado por Rummert (2007), a educação de jovens e adultos tem um longo histórico de privação de direitos. Em um período remoto, circulava, na sociedade, a ideia de que pessoas não alfabetizadas eram desprovidas de pensamentos críticos, uma vez consideradas como incapazes. De acordo com Rui Barbosa (1882), citado por Strelhow (2010, p. 51), “os analfabetos são considerados, assim, como crianças, incapazes de pensar por si próprios”. Era comum encontrarmos relações feitas entre crianças e analfabetos,

pois muitos acreditavam que ambas precisavam do mesmo ensinamento. Mas sabemos que há grande diferença entre o ensino destinado a crianças e aquele para jovens e adultos, uma vez que o perfil de cada um é distinto. Muitos dizeres preconceituosos ecoam ainda hoje em nossa sociedade.

Há um grande trabalho para que essas marcas histórias sejam convertidas em mais oportunidade e reconhecimento a essa classe de jovens e de adultos. Conforme o Art. 205, da constituição federal, todos têm direito à educação, e esse dever está sob responsabilidade do Estado e da família. Para oportunizar a educação para todos, os estados brasileiros devem criar políticas públicas de inclusão, principalmente para aqueles que estão à margem da sociedade⁴. As políticas públicas surgem justamente para buscar atender esse público, que, em grande parte da história, não tiveram oportunidade de acesso à educação, e, assim, as políticas buscam proporcionar a regressão do número de analfabetos no país.

Este artigo, ao contemplar as vozes daqueles que estão diretamente envolvidos na EJA, passa, inclusive, a pensar na eficácia e no alcance da EJA, em termos de política pública educacional. Trata-se de política pública, pois, em termos governamentais, busca-se reparar a condição de acesso e de permanência de um grupo vulnerável (ou grupos vulneráveis) na escola. Trata-se de política pública, também, porque depende do engajamento de diferentes profissionais, para que a realidade brasileira seja invertida, no que se refere à taxa de analfabetismo. Trata-se de política pública, ainda, porque são necessários investimentos financeiros na formação de profissionais que atuarão na EJA, bem como na produção e na distribuição de materiais que atendam a esse público.

Diante de todo esse cenário que compõe as condições sócio-históricas e ideológicas da EJA, no Brasil, lançar luz às narrativas de alunos ajuda-nos a pensar na experiência de vida de cada um. Para além das homogeneizações que são necessárias produzir para se propor e executar uma política pública, olhar para a singularidade, também, é necessária. Para usarmos os termos do quadro teórico a que nos filiamos, poderíamos dizer que olhar para os “processos de individuação dos sujeitos” é relevante. É que esses processos nos permitem pensar no modo como cada sujeito lida com certa historicidade, isto é, cada um tem uma constituição. Não se trata de uma constituição consciente e controlável. Acima de

⁴ Quando nos referimos à “margem da sociedade”, estamos aludindo a pessoas que estão “separadas” do resto da sociedade, aquelas que não estão no centro das discussões. Grande parte do público da EJA está na margem da sociedade, pelo fato de a não ter concluído a educação básica, por grande maioria fazer parte de classe social, economicamente, baixa, implicando uma condição de vulnerabilidade social entre outros.

tudo, é uma constituição contraditória e desigual, em termos de que as oportunidades sociais não são iguais para todos.

O acesso e a permanência à escola, para dizermos do fato deste artigo, perpassam os processos de individuação, pois, para além da condição sociológica, há uma constituição subjetiva. Falar em subjetividade convoca uma dupla condição: o “contexto em sentido estrito” (Cf. ORLANDI, 2014, p. 14) e o “contexto em sentido lato” (Cf. ORLANDI, 2014, p.14). Na seção teórica, iremos abordar, de modo detalhado esses contextos. Mas, por ora, importa considerar que a subjetividade abre horizontes para o modo como certa historicidade incide na história de vida, singularizando cada um.

A Análise de discurso francesa mostra-se como um campo teórico produtivo, neste artigo, pois cria condições teóricas para pensarmos na relação entre esses dois contextos, tendo em vista as narrativas dos alunos da EJA que entrevistamos. Cabe ressaltar que, à luz desse campo, esses dois contextos não se superpõem nem podem ser concebidos em uma visão determinista. A perspectiva discursiva, ao abrir vias para pensarmos em processos de individuação de sujeito, tematiza a dispersão da historicidade, produzindo os sujeitos. E as narrativas deflagram esses processos.

Considerando a perspectiva teórica de que há “processos de individuação do sujeito”, vamos perseguir, em nossas discussões, a seguinte pergunta de pesquisa: Como os alunos da EJA entrevistados por nós, que foram quatro, significam a sua condição de alunos nesse segmento de ensino? Essa condição envolve tanto a história de vida deles, que, em geral, é marcada por certa vulnerabilidade social. Tal condição envolve, também, a relação deles com os professores, em termos de ensino, e com eles próprios, em termos de aprendizagem. Como viemos tematizando, essa condição é ancorada em processos sócio-históricos e ideológicos.

Para levar a bom termo os nossos apontamentos teórico-analíticos, traçamos o seguinte objetivo: analisar e problematizar o modo como os alunos da EJA entrevistados por nós discursivizam a sua condição nesse segmento de ensino, de maneira a pensar na correlação entre “vulnerabilidade social” e “vulnerabilidade escolar”.

Em termos de método, isto é, do caminho filosófico que construímos para alcançar o referido objetivo, é preciso destacar que nos orientamos pelo método dedutivo e indutivo. O primeiro responde pela necessidade de nos filiamos a premissas de uma teoria, como foi caso da Análise de Discurso francesa de orientação peuchetiana e desenvolvida, no Brasil, por Orlandi. A premissa mais ampla é a de que há processos de individuação do sujeito que

se deflagram na e pela narrativa. O sujeito se revela, em termos discursivos, quando é interpelado pela ideologia, como veremos mais adiante. O segundo diz respeito ao fato de nos voltarmos para experiências particulares, dado o processo de coleta de informações. No caso, trata-se de uma escola pública estadual, na cidade de Araguaína/Tocantins. Ou seja, o nosso foco são as narrativas de quatro alunos dessa escola, que são constituídos por condições sócio-históricas e ideológicas, ao mesmo tempo, comum e particulares.

No que tange ao modo como percorremos esse caminho, que já se trata da metodologia, trabalhamos com a aplicação de um roteiro com perguntas discursivas, de maneira a criar condições, para que os alunos da EJA pudessem produzir as suas narrativas. Por meio de transcrição, dada a notação emprestada ao Projeto da Norma Urbana Oral Culta (NURC), ouvimos os áudios e os transcrevemos para estruturá-los em recortes discursivos (RD) para a composição da nossa seção de análise.

Dada a posição teórica de analista de discurso, os recortes discursivos são concebidos como materialidade histórica, pois eles deixam flagrar aspectos da constituição dos alunos que enunciam. No caso, é por meio dessa materialidade que construímos espaços de interpretação para pensar na história de vida dos alunos. Pinçando enunciados desses recortes discursivos, é que vamos fazer trabalhar elementos da historicidade que individualizam os alunos, na condição de sujeitos discursivos.

DO SUJEITO DISCURSIVO EM PERSPECTIVA

Nesta seção, apresentamos os elementos teóricos que sustentam este artigo. Para tanto, iremos nos filiar a fundamentos da Análise de Discurso francesa, formulada por Michel Pêcheux, na França, e por Orlandi, no Brasil. A Análise de Discurso mostra-se importante para pensarmos no modo como o aluno da EJA se constitui sujeito, ao narrar suas experiências nessa modalidade de ensino.

O objeto de estudo da Análise de Discurso, como já consta em seu próprio nome, é “discurso”. Desse modo propomos-nos a analisar as discursividades constitutivas às narrativas dos próprios alunos da EJA. De acordo com Fernandes (2008),

Importa o sujeito inserido em uma conjuntura social, tomado em um lugar social, histórica e ideologicamente marcado; um sujeito que não é homogêneo, e sim heterogêneo, constituído por um conjunto diferente de vozes. (FERNANDES, 2008, p.8-9)

Por meio da citação anterior, podemos ressaltar que todo sujeito é marcado por uma conjuntura social. E, por meio dessa conjuntura, podemos perceber que os sujeitos são heterogêneos; são um distinto do outro. Na seção a seguir, que é a de análise propriamente dita, iremos abordar as narrativas dos alunos entrevistados. Na e pela enunciação falada deles, as vozes vão atravessando, mostrando o que os fundamentos da Análise de Discurso nos dão base para pensar na seguinte questão: “tornada de posição”. Trata-se de uma posição discursiva, isto é, que se marca na e pela língua; não se trata de uma posição empírica, meramente do indivíduo no mundo. Dito de outro modo, interessa-nos a perspectiva do sujeito discursivo. Consideramos, a seguir, outra citação de Fernandes (2008), a qual sustenta as referidas considerações:

Sujeito discursivo: constituído na inter-relação social, não é o centro de seu dizer, em que sua voz, um conjunto de outras vozes, heterogêneas, se manifestam. O sujeito é polifônico e é constituído por uma heterogeneidade de discursos. (FERNANDES, 2008, p. 21; grifos do autor)

Segundo Orlandi (2015), o sujeito é constituído na relação com a língua e com a história. Nessa medida, somos afetados por “efeitos do simbólico”, e por meio do simbólico produzimos sentidos. Por meio da linguagem, o sujeito vai produzindo efeitos de sentidos, e, assim, a linguagem constitui o processo de mediação do sujeito na relação com o mundo.

Outro elemento que compõe as condições de produção do discurso é a ideologia, que se marcada no sujeito e suas enunciações. De acordo com Pêcheux (1975) e com Orlandi (2015), todo sujeito é marcado pela ideologia, não havendo sujeito sem ideologia. Segundo esses autores, a língua faz sentido porque o sujeito está em relação com a ideologia. Vejamos as palavras de Orlandi (2005).

[...] Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele. (ORLANDI, 2005, p.41)

Para dizermos do foco deste artigo, as narrativas dos alunos, como ainda iremos analisar e problematizar, deixam entrever os efeitos ideológicos na e pela materialidade daquilo que eles enunciam. A historicidade e a situação social acabam produzindo, uma

tornada de posição singular. Cada um a seu modo foi sendo subjetivados na e pela historicidade. Ainda na esteira de Orlandi (2012) salientamos que:

De acordo com a análise de discurso, o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. [...] A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada (isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada) determina o que pode e deve ser dito. (ORLANDI, 2012, p.77)

Iremos, na seção de análise, por meio das narrativas dos alunos, circunstanciar a posição sócio-histórico dos entrevistados. E, assim, realizar um movimento de análise discursiva, observando como os alunos da EJA, por meio da linguagem, constituem-se sujeitos discursivos. Em outros termos, estamos interessados no modo como a historicidade os fazem inscrever-se em algumas discursividades, quando são levados a enunciar sobre a condição de aluno da EJA. Há processos simbólicos que os singularizam na e pela língua. No âmbito da Análise de Discurso, essa singularização é pensada em termos de “processo de individuação”. Ao serem interpelados pela ideologia, que, no caso em questão, ganham circunscrição pelas perguntas que endereçamos a eles, os alunos são levados a assumir uma posição discursiva, a qual deflagram o processo de individuação.

Por meio das práticas discursiva empreendidas pelos entrevistados, iremos “considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecidas pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer.” (ORLANDI, 2015, p.14). Sendo assim, buscamos relacionar as narrativas produzidas com a realidade vivenciadas por eles. Uma análise discursiva contempla o sujeito com as suas narrativas não idealizadas, já que tornamos partido pelo caráter ideológico de linguagem.

Ao serem levados a significar a condição de alunos da EJA, eles evidenciaram discursividades de suas histórias de vida, pois eles são produzidos na e pela historicidade. Assim, tanto o “contexto em sentido estrito” quanto o “contexto em sentido lato” acabam sendo importantes neste artigo. Na esteira de Orlandi (2014, p. 14), é preciso “distingui desde o início o contexto em sentido estrito (as circunstâncias imediatas) e o contexto em sentido lato (as determinações históricos-ideológicas)”. Essa distinção é relevante, pois podemos pensar nas condições desses alunos da EJA de dois pontos de vista: macro, pois a história de vida deles é comum a tantos outros alunos da EJA na vastidão geográfica do

Brasil; micro, abrindo para o que estamos chamando de “processos de individuação”. Eles são individuados pelas condições sócio-históricas e ideológicas. A partir de variações sociodemográficas e culturais, é possível termos base para pensar em elementos que constituem esse processo de individuação.

Crítérios de seleção dos participantes da pesquisa

Conforme já mencionamos, para a proposição deste artigo, realizamos a etapa de coleta de informação em uma escola pública e estadual de Araguaína. Realizamos uma delimitação dos participantes, ou seja, realizamos um recorte. Iremos analisar as entrevistas realizadas com o total de quatro alunos que estudam na EJA. Na Escola Vila Nova, foram realizadas entrevistas com: um aluno de 41 anos, que trabalha como motorista; uma aluna de 32 anos, que trabalha no lar (sem remuneração); uma aluna de 25 anos, que trabalha em seu lar e cuida do seu filho (para estudar ela deixa seu filho aos cuidados de seu namorado); um aluno de 28 anos, que trabalha no ramo da estética. Buscamos selecionar os alunos que representassem certa diferença de faixa etária.

Procedimento do *corpus* e procedimento de análise

Como mencionamos, na subseção anterior, iremos analisar as entrevistas realizadas com os alunos. Após selecionar os alunos participantes da pesquisa, realizamos entrevistas baseadas no roteiro com perguntas discursivas. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, foram transcritas, de acordo com as orientações do Projeto da Norma Urbana Oral Culta (NURC). Partindo das transcrições, realizamos recortes que chamaremos de recorte discursivos (RD). Vejamos a concepção de Fernandes (2008) em relação a este recorte:

Trata-se da seleção de fragmentos do *corpus* para análise; ou seja, quando o analista escolhe seu objeto de análise, ele precisa ainda selecionar pequenas partes, escolhidas por relações semânticas, tendo em vista objetivos do estudo. (FERNANDES, 2008, p. 65).

Por meio dos recortes discursivos, buscamos problematizar de que modo os alunos da EJA se constituem sujeito, ao narrar as suas experiências nessa modalidade de ensino. Como mostraremos, a seguir, esses alunos são marcados por uma situação de

vulnerabilidade social. Essa situação acaba implicando uma outra situação, que é a de vulnerabilidade escolar. Para esse grupo de alunos acessar, sobretudo permanecer na escola, configura-se como um desafio cotidiano.

ENFOCANDO AS NARRATIVAS DOS ALUNOS DA EJA

Nesta seção, abordamos as narrativas de quatro alunos da EJA em Araguaína – TO, entrevistados na escola estadual Vila Nova. O nosso objetivo é analisar as narrativas dos alunos, buscamos conhecer as suas histórias de vida e, também, a relação deles com a EJA, que, nesse caso, envolve as narrativas sobre ensino e aprendizagem nesse segmento de ensino. Por meio de recortes discursivos (RD), iremos realizar mo(vi)mento de análise das narrativas de vida dos alunos, tendo por base a circunstância de suas constituições como sujeitos no mundo. Conforme vimos considerando, neste artigo, trata-se de pensar em “processos de individuação do sujeito”. Destacamos que os nomes dos alunos são fictícios, preservando, desse modo, a verdadeira identidade deles. Começamos o nosso trabalho de análise, a partir da entrevista de Paulo. Ele trabalha durante o dia todo; por esse motivo, encontramos certa dificuldade em realizar a entrevista, uma vez que ele faltava bastante às aulas e a sua justificativa era de que estava trabalhando. Tal aluno estuda na Escola Estadual Vila Nova. Vejamos, a seguir, o recorte discursivo 1 (RD1):

Recorte Discursivo 1

HÉRICA: Conte-nos um pouco sobre sua história de vida.

PAULO: Minha história de vida... **trabalho muito** e... estudo a noite... normal...

HÉRICA: normal como assim normal... como é...

PAULO: **corrida... diariamente...**

HÉRICA: corrida... sempre foi assim sua vida corrida...

PAULO: na área do trabalho sim...

HÉRICA: quando você fala corrida que dizer que não tem tempo pra alguma coisa...

PAULO: Isso... **o tempo é curto...**

HÉRICA: E... você começou a trabalhar desde cedo...

PAULO: **Quinze anos...**

HÉRICA: quinze anos de idade... Sofreu assim nenhuma transtorno alguma coisa...

PAULO: **Preconceito...**

HÉRICA: Preconceito...

PAULO: Demais...

HÉRICA: é... na área do serviço ou na família ou escola...

PAULO: **Não... mais familiar da homossexualidade...**

HÉRICA... Dos pais...

PAULO: Isso... do meu pai principalmente...

HÉRICA: seu pai... Mais chegou assim... a expulsar de casa... agredir...

PAULO: **agredir... bater... espancar...**

HÉRICA: Mais isso aí foi um motivo de você ter desistido de estudar...
 PAULO: Não... **foi questão de trabalhar para me manter né... porque quando eu descobri da minha homossexualidade ele não quis aceitar então eu tive que optar trabalhar para me sobreviver.**

Entrevista realizada no dia 31/10/2019, no 4º horário; grifos nossos.

Como observado, por meio de RD1, solicitamos que o aluno comentasse sobre a sua história de vida. Como resposta, Paulo respondeu que a “vida dele é corrida que não tem tempo para nada e é cansativa”, para usarmos os dizeres dele. Destacamos esse enunciado pelo motivo de ser uma realidade recorrente dos alunos da EJA, uma vez que eles, em sua maioria, necessitam buscar uma renda para se sustentar. Paulo trabalha desde os seus quinze anos; um motivo que influenciou a sua entrada no mercado de trabalho foi o preconceito de seu pai para com ele. Paulo se assumiu homossexual. O aluno afirmou que já foi agredido e até espancado, mostrando que a ideologia dele e de sua família é distinta. Podemos perceber que a ideologia, também, influencia em ações, no caso em agressão. Percebemos que há tensões nos laços familiares, e uma forma que o aluno buscou para ter sua “independência” foi entrar no mercado de trabalho. Essa forma acabou exercendo implicações para a relação dele com a escola.

Vejam os seguintes enunciados produzidos por Paulo: “[...] porque quando eu descobri da minha homossexualidade ele não quis aceitar então eu tive que optar trabalhar para **me sobreviver**”. Ressaltamos que o aluno não teve escolhas, ou seja, ele necessitava trabalhar. Essa necessidade se deu pelo motivo de que, para “sobreviver”, ele iria precisar obter algum tipo de renda. Podemos inferir que a relação “trabalho” e “estudo” foi fragilizada, uma vez que, anteriormente, o aluno só precisaria estudar; posteriormente, ele teve de se preocupar com as necessidades básicas, tais como: moradia, alimentação, transporte, entre outros, para suprir. O aluno finaliza, afirmando que deixou de estudar, na educação básica, por causa do trabalho. Prosseguindo com a transcrição da entrevista, vejamos o RD2:

Recorte Discursivo 2

HÉRICA: certo... Conte-nos um pouco sobre sua relação com a escola...
 PAULO: Boa graças a Deus... eu tô indo bem... **só que as vezes que quando eu tô muito cansado não dá de vim...**
 HÉRICA: Mas aqui dentro você não recebe preconceito...
 PAULO: No começo já tive muito... mas eu encaro isso de fchinha...
 HÉRICA: Hoje você dá conta de lidar com isso...
 PAULO: É já convivi com coisas piores já pra mim... bola pra frente...

HÉRICA: Piores quando você fala que seus pais...

PAULO: Já fui agredido também...

HÉRICA: Por outras pessoas também...

PAULO: Isso...

Entrevista realizada no dia 31/10/2019, no 4º horário; grifos nossos.

Questionamos o aluno acerca de sua relação com a escola; Paulo produziu o seguinte enunciado: “**Boa** graças a Deus... eu tô indo bem... **só que as vezes que quando eu tô muito cansado não dá deu vim...**”. Por meio de sua resposta, percebemos que a relação dele com a escola é considerada “boa”. Porém, a sua relação com a escola é afetada pelo trabalho. O aluno relatou que, em muitos momentos, estava casando, e por esse motivo acabou não frequentando a escola. Continuamos questionando o aluno; perguntamos a ele se dentro da própria escola ele sofria preconceito, em relação à sua orientação sexual. Paulo relatou que, no início, ou seja, assim que chegou, sofria preconceito. Apesar do preconceito sofrido, tanto em casa quanto na escola, o aluno continuava a sua vida, buscando ignorar o preconceito sofrido.

Podemos inferir que a falta de aceitação, por parte da família e de algumas pessoas da escola, podia influenciar, diretamente, no processo de ensino e de aprendizagem. Uma vez que há possibilidade de: o aluno se sentir inibido de frequentar a escola, uma vez que, para uma parcela de pessoas, ele não é bem aceito; a falta de apoio familiar levar o aluno a trabalhar e, por sua vez, acaba prejudicando a sua assiduidade escolar. O aluno relata: “É já convivi com coisas piores já pra mim... bola pra frente...”. Neste momento, percebemos que o aluno narrativiza as barreiras enfrentadas na sociedade, uma vez que se sente agredido pelas ações e pelos discursos produzidos para com ele.

Destacamos que, no momento em que perguntamos a Paulo, se ele havia sofrido algum preconceito no âmbito da escola, Paulo não quis falar muito sobre isso, fazendo gesto com as mãos para continuar a próxima pergunta; respeitamos o aluno e fizemos a próxima pergunta. Porém, isso demonstrou uma certa tensão e/ou fragilidade do aluno em comentar sobre esse tópico. Nesse ponto, o processo de individuação se marca a partir da resistência. Sobre alguns pontos discursivos, Paulo enuncia; sobre outros, ele convoca o corpo para produzir um silenciamento sobre certos sentidos. Vejamos, a seguir, o RD3:

Recorte Discursivo 3

HÉRICA: O que é ser aluno da EJA pra você...

PAULO: É... eu acho que é uma **oportunidade de você acelera** mais um pouco os estudos que você... deixou o tempo pra traz... é não... podia terminar... teve

imprevisto na sua vida e você parou... **uma oportunidade de você avança mais rápido...**

HÉRICA: Hoje você pensa em termina a EJA e fazer um curso superior...

PAULO: Sim eu preciso... **pretendo fazer estética...**

HÉRICA: Estética né...

PAULO: Isso que é a área que eu mais gosto de fazer... **já trabalho na área da beleza...**

Entrevista realizada no dia 31/10/2019, no 4º horário; grifos nossos.

Como demonstrado a partir de RD3, perguntamos a Paulo o que era para ele ser aluno da EJA. Ele respondeu-nos: “**uma oportunidade de você avança mais rápido...**” Os alunos veem, nessa modalidade de ensino, a oportunidade de se igualar àqueles que terminaram a educação básica no tempo esperado. É, como dito em muitos momentos pelos entrevistados, como ainda veremos, a oportunidade de finalizar a educação básica de forma mais compactada em relação ao ensino regular. Quando questionado se ele pretende fazer um curso superior, o aluno respondeu que sim. Percebemos que o aluno enxergou uma oportunidade de alavancar socialmente e, também, profissionalmente, a partir da EJA. O aluno afirmou que pretende fazer estética, e, assim, continuar na mesma área que atua, na área da beleza. Perguntamos ao aluno como se dá o processo de aprendizagem nas aulas na modalidade de ensino da EJA. Consideremos, a seguir, o RD4:

Recorte Discursivo 4

HÉRICA: Conte-nos um pouco sobre o modo como você aprende nas aulas...

PAULO: Eu aprendo... ah como eu posso te falar... eu consigo absorver o que eles querem transmitir...

HÉRICA: Então você acha que a maneira de você aprende com eles mais é com explicação ou conteúdo dado na lousa

PAULO: **Explicação...** e... do jeito que eles trabalha com os alunos também... essencial...

HÉRICA: Você acha assim que mudou um pouco de quando você parou de estudar pra hoje acha que tem mais diálogo entre o aluno e o professor...

PAULO: É... com certeza tem sim... **diálogo bastante...** coisa que eu não via atrás eu consigo ver que evolui bastante

HÉRICA: Então os professores e os alunos têm...

PAULO: Já consegue ter aquele diálogo entre o professor e aluno... Não consegue ter mais aquele **tabu entre aluno e professor medo de pergunta** e ser mal encarado mais eu vejo isso e acabou.

Entrevista realizada no dia 31/10/2019, no 4º horário; grifos nossos.

Questionamos o aluno como ocorria o processo de ensino e de aprendizagem em sala de aula. O aluno comentou que aprende melhor, por meio do jogo de interlocuções, no momento em que há essa relação entre professor e aluno; assim, a aprendizagem se estabelece. Destacamos o seguinte enunciado: “tabu entre aluno e professor medo de

pergunta”. Percebemos que Paulo apresenta, em seu enunciado, um contraponto entre o ensino tradicional e outras metodologias. Por meio de sua resposta, podemos deduzir que as aulas que ocorrem na EJA não são tradicionais, em que professor é o centro e aquele que detém o poder de fala.

Os documentos oficiais que norteiam as diretrizes da educação buscam realizar o movimento de fomentar e orientar aulas mais participativas, que se levem em consideração a visão e a participação dos alunos. Podemos citar, como exemplo, a valorização do ensino epilinguístico em relação ao metalinguístico. Concluimos que as aulas, para esse aluno, ocorrem por meio da participação conjunta entre professores e alunos. E, por meio dessa metodologia, o aluno consegue abstrair melhor o conteúdo. Partiremos para a análise da segunda entrevista, realizada com a aluna Isabel. Ela tem vinte e cinco anos e estuda na Escola Estadual Vila Nova. Tomemos, a seguir, o RD5, que apresenta parte da transcrição da entrevista:

Recorte Discursivo 5

HÉRICA: Conte-nos um pouco sobre sua história de vida...

ISABEL: Minha história é... **foi um pouco difícil...** desde quando eu voltei assim pra escola é... eu estudei... comecei estudar... e aí logo eu **engravidai** aí foi um pouco difícil porque... aí eu tive que ir... **ir pra escola aí e pro trabalho** e aí nu... nu dava assim entendeu... ir pra escola e ir para o trabalho... e aí grávida... e aí logo eu comecei faltar na escola aí eu tive que sair... aí veio essa... a gravidez e tudo... e aí foi... foi isso que eu parei de estudar entendeu... aí depois que veio a criança aí eu... morei junto com o pai dele e tal e depois agora com dois... **três anos de idade aí eu coloquei ele na creche** aí eu resolvi vim pra escola agora eu tô aqui estudando né...

HÉRICA: Isso já tem uns quatro ano no caso?

ISABEL: Que eu parei de estudar...

HÉRICA: é...

ISABEL: **é já tem mais ou menos isso uns cinco mais ou menos... e agora resolvi estudar...**

Entrevista realizada no dia 24/10/2019, no 4º horário; grifos nossos.

Solicitamos a aluna que falasse um pouco sobre sua história de vida. Percebemos que o distanciamento da aluna em relação à escola se deu pelo âmbito familiar e, também, pelo trabalho. Vejamos o enunciado da aluna: “*e aí logo eu engravidai aí foi um pouco difícil porque... aí eu tive que ir... ir pra escola aí e pro trabalho*”. Percebemos, por meio do recorte anterior, que a aluna estava grávida e que, também, necessitava de trabalhar. Essa relação entre a gravidez e o trabalho acabou por distanciar ela da escola.

De acordo com o RD5, a aluna comentou que se afastou da escola para se dedicar ao filho. Ela só retornou aos estudos pelo motivo de seu filho estar frequentando uma creche. Percebemos que são recorrentes casos em que as mulheres têm de se afastar do ambiente escolar pelo motivo da gravidez, uma vez que encontram dificuldades em continuar seus estudos. Gostaríamos de apresentar elementos que não estão presentes nos recortes discursivos apresentados. Após a gravação da entrevista, a aluna comentou que estava nervosa com a gravação que, por esse motivo, não comentou sobre algumas coisas. Isabel afirma que a princípio se afastou da escola por motivo familiar. Ela morava com sua irmã e precisou largar os estudos para cuidar dos filhos de sua irmã. Provavelmente, ela aceitou sair da escola pelo sentimento de estar em falta com sua irmã, no sentido de que esta lhe sustentou e que ela deveria ajudá-la a cuidar de seus filhos. Segundo Isabel, havia um acordo entre elas que, após uma terminar os estudos, a outra retornaria à escola. Porém, isso não ocorreu, de acordo com Isabel; ela levou uma “rasteira”⁵ de sua irmã e, logo, chegou a sua gravidez. Sendo assim, novamente, ela se viu distante da escola. Consideremos, a seguir, o RD6:

Recorte Discursivo 6

HÉRICA: Fala um pouco sobre sua relação com a escola... como que é você com os alunos... com os professores...

ISABEL: é minha relação sobre isso... é tudo... tudo bem... eu gosto dos alunos... gosto de todas as professora... elas ensina bem... os alunos também tem uns bagunçadinhos mais tudo ok né?

HÉRICA: normal?

ISABEL: é

Entrevista realizada no dia 24/10/2019, no 4º horário.

Questionamos a aluna como era a sua relação com a escola, e, por sua vez, com os alunos e os professores. Isabel comentou que a sua relação com a instituição é boa. Do mesmo modo se dá a sua relação com os professores e com os alunos. Isabel chegou a comentar que alguns alunos são “banguinceiros”, ela utilizou a expressão “bagunçadinhos”. Porém, ela ponderou que seria um comportamento que não fugia à normalidade. Vejamos, a seguir, o RD7:

Recorte Discursivo 7

HÉRICA: o que é ser aluno da EJA pra você?

ISABEL: É.. é tipo... ser aluno da EJA... **num é tão assim bom... pra gente também não é ruim...** é bom porque a gente... o que a gente perdeu a gente tá

⁵ O termo foi usado no sentido de sua irmã não ter cumprido com o acordo.

recuperando... e num é tão bom porque a gente faz tudo assim entendeu... aí a gente num aprende mais que a gente quer entendeu...

HÉRICA: estuda muito resumido né?...

ISABEL: Isso ham ram...

Entrevista realizada no dia 24/10/2019, no 4º horário; grifos nossos.

Como podemos observar, por meio do recorte anterior, a aluna caracterizou a EJA como um programa neutro. Quando perguntamos a ela o que é ser aluno da EJA, ela nos respondeu que “num é tão assim bom... pra gente também não é ruim”. Isabel problematizou um dos principais objetivos da EJA, que é justamente proporcionar ao aluno uma formação em um tempo menor do que no ensino regular. A aluna comentou que é boa a oportunidade de concluir a educação básica mais rapidamente. Porém, pelo motivo de os conteúdos serem mais compactados, buscando adequar ao tempo dessa modalidade, a aluna acredita que seja uma desvantagem. Para concluir cada ano escolar os alunos cursam seis meses, ou seja, os conteúdos que são ministrados em um ano na educação básica na EJA são ministrados em seis meses. Por esse motivo, há a impressão de que os conteúdos são resumidos. Vejamos, a seguir, o RD8:

Recorte Discursivo 8

HÉRICA: Voltando bem aqui na primeira questão... quando você falou que sua vida foi um pouco difícil por causa disso que você teve que parar de estudar é em relação ao seu filho... você... Naquele tempo você trabalhava... é hoje você ainda trabalha...

ISABEL: **Não... não trabalho...**

HÉRICA: não trabalha... mas pensa em terminar a EJA... e fazer um curso superior...

ISABEL: penso na hora que termina aqui aí eu... vou me esforçar bastante pra mim conseguir ver se eu consigo fazer né uma coisa um **curso técnico...**

HÉRICA: trabalhar?

ISABEL: é...

Entrevista realizada no dia 24/10/2019, no 4º horário; grifos nossos.

Para esclarecer melhor, retornamos à primeira questão; “Conte-nos um pouco sobre sua história de vida”. Como afirmado pela aluna, em RD5, ela trabalhava no período em que se afastou da escola. Questionamos à aluna se, atualmente, ela estava trabalhando. A aluna afirmou que não estava trabalhando. Podemos inferir que, por não estar trabalhando, houve uma facilidade para retornar aos estudos. Perguntamos à Isabel sobre a sua perspectiva para o futuro, se havia planos de ela cursar o ensino superior. Como resposta, obtivemos: “*vou me esforçar bastante pra mim conseguir ver se eu consigo fazer né uma coisa um curso técnico...*”. Por meio da resposta da aluna, podemos inferir

que ela não pretende cursar ensino superior e, sim, um curso técnico. Tal curso visa qualificar pessoas para o trabalho, trabalhando mais com ensino prático. Assim como a EJA, o curso técnico visa uma formação mais rápida (entre 18 e 24 meses) e, também, inserir, com mais rapidez, as pessoas no mercado de trabalho. Consideremos, a seguir, o RD9:

Recorte Discursivo 9

HÉRICA: é... Conte-nos um pouco como os professores ensina na sua turma...

ISABEL: sim... eles ensina a... pra mim eles ensina... **ensina muito bem né... porque o que eu não sei eu vou pergunta pra eles... eles me responde me explica direitinho...**

HÉRICA: tem paciência...

ISABEL: **é tem paciência e a gente aprende...**

HÉRICA: Conte-nos um pouco sobre o modo como você aprende nas aulas... como facilitar pra você aprender...

ISABEL: **muita explicação...** a explicação direitinho eu... é necessário é um entendeu...

HÉRICA: então você acha que aquele contato de conversa...

ISABEL: isso...

HÉRICA: ter paciência...

ISABEL: isso...

Entrevista realizada no dia 24/10/2019, no 4º horário; grifos nossos.

A partir de RD9, realizamos perguntas relacionadas ao processo de ensino e de aprendizagem. Questionamos à aluna como os professores ensinavam na turma dela. Isabel afirmou que eles “ensinam muito bem” e que ocorreria uma interlocução entre ambos. Ela afirmou que, quando está com dúvida, costuma perguntar aos professores, e eles lhe respondem. Por seu enunciado, vemos que a aluna valoriza essa relação, assim como o aluno entrevistado anteriormente (Paulo, Cf. RD4). Finalizamos a interlocução com Isabel, perguntando de que modo ela aprende melhor. Isabel afirmou que compreende melhor, por meio de explicações, principalmente, quando os professores explicam “direitinho”. Portanto, o processo de ensino e de aprendizagem se dá, de acordo com a narrativa de Isabel, por meio da relação professor e alunos, e esses envolvidos em uma relação de companheirismo. Partiremos para a análise da terceira entrevista, realizada com a aluna Neuza. Ela tem trinta e dois anos e estuda na Escola Estadual Vila Nova. Vejamos, a seguir, o RD10, que apresenta parte da transcrição da entrevista:

Recorte Discursivo 10

HÉRICA: Conte-nos um pouco sobre sua história de vida...

NEUZA: Bom minha história de vida foi assim um pouco complicada porque... é eu tive uns pais né... um pouco é... **uma... vida financeira bem precária né?**... mudava bastante é... **me prejudicou muito nas escola**... não tive um bom desenvolvimento é... passei vários anos fora da escola... né... aí eu **casei... engravidei**... parei uns **treze anos**... aí com... aí agora esse ano de... de 2019 voltei estudar né... tô muito feliz já tô terminando...

HÉRICA: Quando você parou... você parou em qual série a treze anos atrás...

NEUZA: Eu parei no primeiro ano...

HÉRICA: do ensino médio...

NEUZA: hum rum... conclui o primeiro ano né...

Entrevista realizada no dia 24/10/2019, no 4º horário; grifos nossos.

Começamos solicitando que a aluna relatasse um pouco sobre a sua história de vida. Neuza apresentou, em sua resposta, fatos de sua vida que puderam, segundo ela, contribuir para o seu afastamento da escola. Neuza nos narrativizou a sua situação financeira, de alguns anos atrás; segundo ela, a sua “*vida financeira [foi] bem precária*”. De acordo com a aluna, essa situação financeira contribuiu para o seu afastamento do ambiente escolar, uma vez que havia a necessidade de constante mudança visando uma melhora de vida.

Gostaríamos de destacar um trecho da enunciação de Neuza, vejamos: “*eu casei... engravidei... parei uns treze anos...*”. Novamente, vemos uma aluna apresentar a gravidez e, também, o casamento como um dos motivos de se afastar do âmbito escolar. Percebemos, por meio de RD10, que Neuza ficou afastada por treze anos. A aluna comentou que voltou a estudar nesse ano, e que está bastante animada para finalizar essa modalidade. Há treze anos, quando Neuza saiu da escola, ela estava concluindo o primeiro ano do ensino médio; neste ano, ela já cursou a modalidade correspondente ao segundo ano do ensino médio e, agora, está finalizando a etapa que corresponde ao terceiro ano do ensino médio. Veremos, a seguir, o RD11:

Recorte Discursivo 11

HÉRICA: Conte-nos um pouco sobre sua relação com a escola... como que é teu contato com a escola em geral... professor aluno colegas... diretor... coordenador ...

NEUZA: No início voltar né foi difícil pra mim porque eu... **não me achava mais**... não conseguia mais... é... tipo assim é... chega na sala de aula...

HÉRICA: Você não achava capaz?

NEUZA: é... foca... no meu primeiro dia... dia de aula que a professora começou a escrever eu falei... assim meu Deus o que eu tô fazendo aqui? me... me senti um **peixe fora d'água**... mais aí com uma semana... eu me **senti melhor**... me dei bem com os professores com os colegas de classe... foi... foi legal...

Entrevista realizada no dia 24/10/2019, no 4º horário; grifos nossos.

Solicitamos à Neuza que falasse um pouco sobre a sua relação com a escola e com seus atores sociais. A aluna, por meio de seus enunciados, apresentou-nos que, ao entrar na EJA, não havia uma identificação, ela não se “*achava mais*”. Acreditamos que essa não identificação se deva pelo fato de passar muito tempo afastada da sala de aula, e, por isso, não estava acostumada ao contexto escolar, com seus ritmos. De acordo com ela, havia um sentimento de não pertencimento, Neuza afirmou que se sentiu “*um peixe fora d’água*”. Neuza chegou até a afirmar que não se sentia capaz, no sentido de conseguir concluir essa modalidade. Ao decorrer do tempo, houve novamente uma identificação com o ambiente escolar, pois, depois, a aluna afirmou que se sentiu melhor. Quanto a sua relação com os alunos e os professores, Neuza afirmou que o seu relacionamento com os professores e, também, com os alunos são bons. Vejamos o próximo RD:

Recorte Discursivo 12

HÉRICA: O que é ser aluno da EJA pra você?
 NEUZA: Bom ser o aluno da EJA pra mim... no meu ponto de vista... **é bom...** porque... é... porque é...
 HÉRICA: Você consegue aprender... você acha que é melhor...
 NEUZA: Assim... **apesar que é bem resumido** se o aluno for... for bem focado nas aulas é:: não **faltar muito** consegue aprender... entendeu... é... é bacana é... muito bom... **ajudando** muito a gente né? e eu tô gostando...
 HÉRICA: E se... você finaliza esse ano... né...
 NEUZA: sim finalizo...
 HÉRICA: Aí pensa em fazer um curso superior...
 NEUZA: sim... sim... sim
 HÉRICA: Continua estudar...
 NEUZA: Ano que vem quero **fazer uma faculdade** né? tô... tô bem **animada tô focada** nisso se.: Deus quiser quero fazer...
 HÉRICA: Quando você voltou a estudar... você voltou com esse pensamento de terminar e ir fazer um curso superior... ou só...
 NEUZA: Não... eu não... **meu pensamento querendo só concluir o ensino médio mesmo e parar**... meus estudos... mas agora eu tava até falando né? que.: eu tô com vontade de.: continuar estudando... não para mais...
 HÉRICA: Você trabalha...
 NEUZA: não...

Entrevista realizada no dia 24/10/2019, no 4º horário; grifos nossos.

Questionamos à aluna o que é, para ela, ser aluna da EJA; Neuza afirmou, assim como os outros alunos, que, “*apesar*” de ser “*bem resumido*”, é uma boa modalidade e, também, ajuda muito na formação. Percebemos que a aluna estava bastante animada por ter voltado para a escola. Ao voltar à escola, a sua perspectiva de futuro também foi alterada, no sentido de que, anteriormente, o desejo era apenas de finalizar a educação básica. Neuza almeja realizar um curso superior, mostrando que há o desejo de “*continuar estudando*”. Questionamos à aluna se ela trabalhava atualmente, a aluna afirmou que não.

Tomemos, a seguir, o RD13:

Recorte Discursivo 13

HÉRICA: Conte-nos um pouco sobre o modo como os professores ensinam em sua turma...

NEUZA: Bom... é.: tipo assim não tem como explicar muito são todos bacanas explica... **são todos atenciosos** éh.: tem uma... eles são bem **dedicados com suas matérias né... não foge do assunto...** bom pra mim... no meu ponto de vista... é bom... no... cada um dá sua aula ali certim entendeu... ((inaudível))

HÉRICA: Conte-nos um pouco sobre como você aprende nas aulas... que jeito... que maneira que você acha que facilita pra você aprender...

NEUZA: Tipo assim o professor só aplica a matéria não só escrevendo... escrevendo porque as vezes a gente fica né?... que tem professores que passa a matéria lá e a gente tem que se vira né?... e aqui no.: EJA não é... na escola que eu tô estudando eles passa a matéria explica bem né... se o aluno tá com dificuldade eles ajuda né... incentiva bastante...

HÉRICA: A treze anos atrás quando você estudava... como hoje você ver essa diferença...

NEUZA: Muita.: diferente porque antigamente os professores eles tinha aquela meta... **a eu dei minha aula que os alunos quiser que se vira tem que se esforça pra passar... e hoje não o professor tá ali presente...** “gente faça vai valer tanto ponto não falte” ...

HÉRICA: Atenciosamente...

NEUZA: Isso...

HÉRICA: Muito bem...

Entrevista realizada no dia 24/10/2019, no 4º horário; grifos nossos.

Solicitamos à Neuza que comentasse como os seus professores ensinavam. Segundo ela, os professores são atenciosos e dedicados, estimulando os alunos a continuarem a estudar. Ela comentou que aprende na relação entre a teoria e a prática; “*não só escrevendo*”, mas também com outras metodologias que vão além de escrever. Neuza destacou a atuação dos professores em sempre estar acompanhando os alunos e os ajudando quando estes estão com dificuldades. Neuza realizou uma avaliação como era o ensino há treze anos e agora. De acordo com ela, anteriormente, os professores eram mais distantes dos alunos, segundo ela havia o pensamento de que “*eu dei minha aula que os alunos quiser que se vira tem que se esforça pra passar*”. Neuza afirmou que hoje os professores estão mais “presentes”, no sentido de dar suporte aos alunos e de incentivar a continuar. Iremos apresentar parte da nossa entrevista com o último aluno pertencente à EJA da Escola Vila Nova. Chamaremos este aluno de Rodrigo, que tem quarenta e um anos. Vejamos, a seguir, o RD14:

Recorte Discursivo 14

HÉRICA: Boa noite... Conte-nos um pouco sobre a sua história de vida...

RODRIGO: Bom minha história de vida eu... **abandonei o ensino médio a vinte anos atrás... por necessidade de trabalhar...** construir família e... com

passar dos anos eu resolvi retornar aos estudos... até mesmo pra... **mudar de profissão e procurar algo melhor pra mim**... vi que ainda era tempo de retornar e... corre atrás dos meus objetivos... e tenho agora pretensão de **fazer uma faculdade** futuramente entendeu... a ideia é essa... e tamos aí... tentando... não é fácil porquê... o dia a dia tem que conciliar o trabalho com a rotina da família e tudo mais... tá sendo gratificante tá... eu até achei que teria mais dificuldade mais... tô satisfeito... tá indo bem...

HÉRICA: E assim tem um motivo assim... porque você deixou de estudar a vinte anos atrás....

RODRIGO: Foi basicamente... por **questão de trabalho a profissão que eu escolhi não me dava a possibilidade de estudar**... porque eu tinha que... era motorista né? viajar... aí sempre na estrada aí então e... na época a renumeração era bem diferente de hoje e não compensa entendeu... aí eu optei pela profissão e abrir mão dos estudos...

Entrevista realizada no dia 10/10/2019, no 4º horário; grifos nossos.

Iniciamos a nossa interlocução com o aluno solicitando que ele comentasse acerca de sua história de vida. Destacamos o seguinte trecho: *“abandonei o ensino médio a vinte anos atrás... por necessidade de trabalhar... construir família”*. Como abordado, em RD14, Rodrigo se afastou do colégio por causa do trabalho e, também, por causa da família, assim como alguns dos alunos cujas narrativas já abordamos nesta seção. Rodrigo deixou de estudar há vinte anos, como mencionado, ele se afastou por causa trabalho. Havia a necessidade de trabalhar para se sustentar, segundo ele não foi possível conciliar estudo e trabalho. Rodrigo era motorista de caminhão, quase não ficava em casa assim, era difícil ir à escola todos os dias. Como observamos, a partir dos recortes discursivos, os alunos deixam o âmbito escolar pelo trabalho e voltam justamente pelo trabalho. Visando uma melhoria na carreira, Rodrigo retornou à escola buscando se qualificar. Há um interesse do aluno em continuar os estudos, após finalizar a EJA. Atualmente, Rodrigo continuou a trabalhar, porém com flexibilidade para frequentar a escola. Segundo ele, *“não é fácil porquê... o dia a dia tem que conciliar o trabalho com a rotina da família e tudo mais”*. Percebemos que o aluno continuou a trabalhar e que, nesse momento, ele está conseguindo conciliar trabalho e estudo. Vejamos, a seguir, o RD15:

Recorte Discursivo 15

HÉRICA: Tá certo... Conte-nos um pouco sobre sua relação com a escola...

RODRIGO: Minha relação com a escola... eu até tinha uma certa preocupação quanto a isso mas é muito boa... os professores são bom... as pessoas que tão aqui... **são pessoas que tão correndo atrás de recuperar o tempo perdido** e... com... o mesmo objetivo né... melhorar buscar **uma qualificação profissional no mercado**... melhorar seus conhecimentos entendeu... e até mesmo a **qualidade de vida**... conseqüentemente em função disso.

HÉRICA: Com a turma todos os colegas você se dá bem?

RODRIGO: Sim... era uma das preocupação porquê... é... geralmente no.: na EJA já tinha aquela fama de que era pessoas **discomprometida** né? que não queria

muito mais aí aos poucos foi me interagindo e a **relação com os colegas é excelente** no.: deste o primeiro semestre não tem problema nenhum de relacionamento com ninguém...

HÉRICA: Que bom...

RODRIGO: Nos damos muito bom...

Entrevista realizada no dia 10/10/2019, no 4º horário; grifos nossos.

Solicitamos a Rodrigo que comentasse como é sua relação com a escola. Ele assumiu que houve uma preocupação no início, podemos inferir que essa preocupação se deu em relação à identificação com o ambiente escolar, assim como ocorreu com Neuza (Cf. RD11). Rodrigo afirmou que a sua relação com os alunos é “muito boa”. Gostaríamos de destacar o seguinte trecho da resposta dele: “*são pessoas que tão correndo atrás de recuperar o tempo perdido [...] buscar uma qualificação profissional no mercado... [...] qualidade de vida*”. A resposta de Rodrigo apresentou os principais objetivos dos alunos da EJA. Podemos observar que é recorrente, neste trabalho, por meio dos enunciados produzidos pelos entrevistados, que os principais objetivos estão relacionados ao mercado de trabalho. Rodrigo comentou acerca de sua relação com os demais alunos. O aluno comentou que há comentários que vinculam os alunos da EJA a “*pessoas descomprometida (sic)*”. Podemos classificar essa concepção como cultural, uma vez que esses comentários foram repetidos ao longo da história. A seguir, consideremos o RD16:

Recorte Discursivo 16

HÉRICA: O que é ser aluno da EJA para você?

RODRIGO: Ser aluno da EJA é... **pra mim foi uma possibilidade de resumir o tempo perdido**... corre atrás de uma forma mais rápido assim... facilitou muito pra mim... **porque ao invés de ter que passar dois anos... em um ano eu pude recuperar grande parte do tempo perdido** e... a questão... eu que achei que seria complicado porque eu.: os conteúdos são mais resumidos são mais rápidos né? são menos né? eles não tem igual no tempo integral... aquele tempo todo de aprendizado... mas em compensação é acelerado mas a gente flui mais rápido entendeu... a gente aprende... pega mais rápido não fica aquela morosidade aquela coisa repetitiva tem o lado positivo também quando assim...

Entrevista realizada no dia 10/10/2019, no 4º horário; grifos nossos.

Perguntamos ao aluno o que é ser aluno da EJA, Rodrigo nos respondeu que ser aluno da EJA “*é pra mim uma possibilidade de resumir o tempo perdido corre atrás de uma forma mais rápido assim [...]*”, para usarmos seus dizeres. A resposta do aluno vai ao encontro com o objetivo do programa; o aluno destacou a importância dessa modalidade para recuperar o “*tempo perdido*”. Talvez, se o aluno tivesse que estudar na educação regular, ele não teria voltado à escola.

Questionamos o aluno como se dava o ensino e a aprendizagem, vejamos, a seguir, o

RD17:

Recorte Discursivo 17

HÉRICA: É... Conte-nos um pouco sobre como os professores ensina em sua aula em sua turma....

RODRIGO: Na verdade os professores... os métodos de ensino são bem **diferentes de quando eu estudava a vinte anos atrás...** eu acredito que melhorou bastante evoluiu a **gente interage** bastante entendeu... eles buscam é atualizar a gente de forma que flui melhor o aprendizado a gente consegue absorver melhor entendeu... **no diálogo** entendeu... dando espaço pra **gente também interagir** nas aulas...

HÉRICA: E a vinte anos atrás não tinha esse contato né...

RODRIGO: Era bem diferente... exatamente...era bem diferente... era por **questão de hierarquia... a gente sentava na sala de aula e simplesmente...** entendeu? hoje em dia...

HÉRICA: Só ouvia...

RODRIGO: **Hoje em dia a gente participa mais...**

HÉRICA: Isso... Conte-nos um pouco sobre o modo como você aprende nas aulas...

RODRIGO: Na verdade eu aprendo mais assim... **nas aulas** é... de interação com os professores conversam mais sobre problema sociais... sobre o... a realidade que vivemos hoje entendeu... que a gente vê que hoje as coisas tão mudada em relação de antigamente... então a escola tá mais voltada assim... **preocupações sociais** também não só econômica... mas **social também da família** entendeu... e hoje eu vejo que a escola abrange mais essa área assim e eu consigo absorve melhor aprender bem... **com diálogo** entendeu...

HÉRICA: Então aquela tradição de antes você não...

RODRIGO: **Essa renovação que o ensino trouxe agora dando espaço pra gente interagir de dialogar ajuda bastante...**

HÉRICA: Então é isso...

Entrevista realizada no dia 10/10/2019, no 4º horário; grifos nossos.

Solicitamos ao aluno que comentasse como se dava o processo de ensino e de aprendizagem em sua turma. Rodrigo comentou que houve uma diferença no processo de ensino, em relação a quando ele havia deixado de estudar e, agora, na modalidade EJA. O aluno comentou, assim como os outros entrevistados, que as aulas, atualmente, estão mais dinâmicas, no sentido de haver mais interação. Rodrigo complementou a sua enunciação relatando que antes havia “*questão de hierarquia... a gente sentava na sala de aula*”. Percebemos que os alunos estavam acostumados com o ensino tradicional, em que a aula estava centralizada na figura do professor. Essa metodologia atual é importante, porque implica o ensino e a aprendizagem dos alunos. Rodrigo relatou que aprende bastante como o jogo de interlocução que ocorre no âmbito da sala de aula.

Destacamos, também, a preocupação da escola e, conseqüentemente, dos professores em relação aos fatores sociais. O aluno relatou que a escola apresenta “*preocupações sociais não só econômica... mas social também da família*”. Atualmente,

há uma preocupação com as relações sociais em que os alunos estão inseridos, pois os fatores sociais também influenciam no processo de ensino e de aprendizagem.

Buscamos, nesta seção, apresentar as singularidades dos alunos entrevistados, observando como todos se individualizam em suas narrativas. Percebemos que eles apresentam trajetórias de vida distinta uma do outro, porém há regularidade em alguns pontos. Percebemos que há dois motivos que fizeram com que os alunos não concluíssem a educação básica no tempo certo, que são: “relação familiar” e “trabalho”. Por meio da interdiscursividade⁶ em operação, nas narrativas dos alunos foco deste trabalho, percebemos um entrelaçamento entre vulnerabilidade social e vulnerabilidade escolar. No quadro que se segue, apresentamos uma relação possível entre essas vulnerabilidades, evidenciando, por meio de indícios textuais, o atravessamento das vulnerabilidades nas histórias de vida desses alunos.

Quadro 1 - Correlação entre vulnerabilidade social e vulnerabilidade escolar.

Nome do Aluno	Vulnerabilidade Social	Vulnerabilidade Escolar	Indícios textuais
Paulo	Família	Fragilidade no acesso e na permanência na escola.	“[...] foi questão de trabalhar para me manter né... porque quando eu descobri da minha homossexualidade ele não quis aceitar então eu tive que optar trabalhar para me sobreviver [...]”.
Isabel	Família	Fragilidade no acesso e na permanência na escola.	“[...] comecei estudar... e aí logo eu engravidar aí foi um pouco difícil porque... aí eu tive que ir... ir pra escola aí e pro trabalho ”; A aluna também cuidava de seus sobrinhos. [...]”
Neuza	Família	Fragilidade no acesso e na permanência na escola.	“[...] uma... vida financeira bem precária né?... mudava bastante é... me prejudicou muito nas escolas [...]”
Rodrigo	Trabalho	Fragilidade no acesso e na permanência na escola.	“[...] abandonei o ensino médio a vinte anos atrás... por necessidade de trabalhar ... construir família e... com passar dos anos eu resolvi retornar aos estudos... até mesmo pra... mudar de profissão e procurar algo melhor pra mim [...]”

⁶ “[...] caracterizada pelo entrelaçamento de diferentes discursos, oriundos de diferentes momentos na história e de diferentes lugares sociais.” (FERNANDES, 2008, p. 39)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, tematizamos as narrativas de oito alunos da EJA, buscando pensar em alguns elementos do contexto histórico em que eles estão inseridos. Essas narrativas abrem horizontes para pensarmos como ocorreu e ocorre às políticas de acesso e de permanência desses alunos, uma vez que, sócio-histórico e ideologicamente, a relação deles com a escola se viu fragilizada. Há uma produção discursiva de comentários negativos que ecoam até os dias atuais. Rodrigo, por exemplo, conforme vimos a partir de sua narrativa, relatou-nos que a “EJA já tinha aquela fama de que era pessoas **discomprometida** né?” (Cf. RD15). Nessa medida, há uma reprodução de preconceito histórico em relação a essa camada social que, por algum motivo, não puderam terminar a educação básica no tempo adequado.

Percebemos que há um insucesso escolar, no sentido da dificuldade do acesso e de permanência dos alunos. Como abordamos, na seção anterior, por meio das narrativas dos alunos, alguns alunos, quando jovens, não tiveram acesso à escola (ex.: Juliana e Maria). Em relação à permanência dos alunos na escola, percebemos que todos os alunos tiveram dificuldades, por motivos referentes à questão familiar até à localização da escola, por exemplo. De acordo com Guareschi *et al* (2007):

Para Abramovay (2002), **a vulnerabilidade social é definida como situação em que os recursos e habilidades de um dado grupo social são insuficientes e inadequados para lidar com as oportunidades oferecidas pela sociedade.** Essas oportunidades constituem uma forma de ascender a maiores níveis de bem-estar ou diminuir probabilidades de deterioração das condições de vida de determinados atores sociais. (GUARESCHI *et al.*, 2007, p.19; grifo nosso)

Como apresentado, a vulnerabilidade social está na falta de oportunidade de uma parcela da sociedade. Cada aluno apresenta sua singularidade em relação à vulnerabilidade social. Percebemos que a vulnerabilidade social reverbera na vulnerabilidade escolar, produzindo modos de individuação específicos. Ao mesmo tempo em que há um contexto comum, isto é, “contexto no sentido lato” (Cf. ORLANDI, 2014), há, também, o contexto particular, em que as injunções sociais acabam produzindo cada sujeito de um modo particular. Nesse caso, trata-se do “contexto no sentido específico” (Cf. ORLANDI, 2014). Este trabalho nos oportunizou conhecer um pouco mais a temática da EJA tanto no Brasil quanto no estado do Tocantins, sobretudo o nosso público-alvo, que foram os quatro

alunos de uma escola estadual em Araguaína–TO. Em momento posterior, retornaremos à escola, com o intuito de promover uma conversa com os participantes da pesquisa, buscando dar a eles uma devolutiva dos resultados. Além deles, também, iremos estabelecer um diálogo com os gestores da escola, com o intuito de mostrar como os processos de individuação do sujeito dos entrevistados apontam para uma correlação entre vulnerabilidade social e vulnerabilidade escolar.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso:** reflexões introdutórias. São Carlos: Editora ClaraLuz, 2008.

GUARESCHI, N. M. F. et al. Intervenção na condição de vulnerabilidade social: um estudo sobre a produção de sentidos com adolescentes do programa educativo. **Estudos e pesquisa em psicologia**, UERJ, v. 7, n. 1, p. 20-30, abr. Rio de Janeiro, 2007.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. São Paulo : Cortez, 2012.

ORLANDI, E. P. **Gesto de leitura:** da história no discurso. Campinas - SP: Editora Unicamp, 2014.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. Campinas - SP: Pontes Editora, 2015.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni P. Orlandi [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1975.

RUMMERT, S. M. A Educação de Jovens e Adultos trabalhadores brasileiros no século XXI. O “novo” que reitera antiga destituição de direitos. **Revista Sísifo**. <http://fpce.ul.pt>, n. 2, 2007.

STRELHOW, T. B. BREVE HISTÓRIA SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS. **HISTEDBR On-line**, Campinas, junho 2010. p. 49-59.